

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Os Mares da Europa
13 de Maio de 2021

FILM SOCIALISME / 2010

Filme Socialismo

um filme de JEAN-LUC GODARD

Realização e Argumento: Jean-Luc Godard, com a participação de Jean-Paul Battaglia, Fabrice Aragno, Paul Grivas, François Musy, Renaud Musy, Gabriel Hafner, Louma Sanbar, Yousri Nasrallah, Anne-Marie Miéville / **Direcção de Fotografia:** Fabrice Aragno, Paul Grivas / **Música:** Betty Olivero, Arvo Pärt, Anouar Brahem, Tomasz Stańko, Alfred Schnittke, Paco Ibáñez, Bernd Alois Zimmermann, Giya Kancheli, Werner Pirchner, Ernst Busch, Thierry Machuel, Beethoven, Chet Baker / **Cantores/Autores das letras de canções:** Barbara, Gabriella Ferri, Joan Baez, Alain Bashung & Chloe Mons, Mina, Patti Smith / **Interpretação:** Catherine Tanvier, Christian Sinniger, Jean Marc Stehlé, Agatha Couture, Marie-Christine Bergier, Nadège Beausson-Diagne, Mathias Domahidy, Quentin Grosset, Olga Riazanova, Maurice Sarfati, Dominique Devals, Louma Sanbar, Gulliver Hecq, Marine Battaglia, Elizabeth Vitali, Eye Haidera, Patti Smith, Lenny Kaye, Alain Badiou, Bernard Maris, Elias Sanbar, Robert Maloubier.

Produção: Vega Film, Office Fédéral de la Culture, Télévision Suisse-Romande (TSR), Ville de Genève, Suissimage, Fonds Regio Films, Fondation Vaudoise, George Foundation / **Produtores:** Alain Sarde, Ruth Waldburger / **Direcção de Produção:** Jean-Paul Battaglia / **Cópia:** em DCP, cor, legendada em português / **Duração:** 102 minutos / **Primeira Apresentação Pública:** 17 de Maio de 2010, Festival de Cannes / **Estreia Mundial:** 19 de Maio de 2010, França / **Estreia em Portugal:** 3 de Março de 2011, UCI Cinemas - El Corte Inglés / **Primeira exibição na Cinemateca:** 21 de Fevereiro de 2014.

“Toda a deslocação horizontal sobre uma superfície plana que não seja determinada pela física é uma afirmação, quer se trate da construção de um império, quer se trate do turismo”

Film Socialisme capta o verdadeiro espírito do presente e da transição do século XX para o XXI, reproduzindo a originalidade do movimento desenvolvido por Walter Benjamin muitos anos antes, quando o filósofo, no seu projecto do “*Livro das Passagens*”, propunha um retrato de “*Paris, Capital do Século XIX*”. Godard (que cita Benjamin no filme) partilha com esse seu monumental projecto literário, não apenas uma vontade de uma crónica de uma época presente, como todo um trabalho que lhe é habitual em torno da colagem e da citação. Efectivamente, grande parte da força de **Film Socialisme** reside no talento do realizador, manifesto no desenho de uma crónica do tempo presente, que faz de Godard o verdadeiro cineasta de um aqui e agora, tal como o vivemos.

Tendo chegado a ser anunciado como o último filme de Godard (o filme posterior a este, curiosamente é já filmado em 3D), **Film Socialisme** poderá ser encarado como um projecto testamentário pelo modo como o realizador repete, mais uma vez, várias das “fórmulas godardianas” herdadas de muitos outros filmes. Às **Histoire(s) du cinéma**, vai buscar várias das suas imagens, e muitas das suas míticas frases sucedem-se ao longo dos mais de cem minutos de filme.

Estruturando-se em três partes desiguais, a primeira, “Des choses comme ça”, corresponde ao mar e a um gigantesco cruzeiro turístico que atravessa o Mediterrâneo. Metáfora do estado presente da Europa e da hegemonia do turismo de massas e do seu papel na organização do espaço planetário, este é um cenário kitsch por excelência que, na sua heterotopia, se aproxima da *Disneyland* (a aula de ginástica no barco, a missa). A violência espacial exercida pela colonização turística está bem expressa pelo enorme contraste entre o imponente barco e as muitas terras que visita: no Egito, ou numa pequena povoação no Mediterrâneo, afirma-se obviamente como um colosso face à paisagem

Mas a contemporaneidade de **Film Socialisme** expressa-se também na confluência de imagens das mais diversas proveniências. As imagens digitais de grande qualidade, que nos oferecem sumptuosas vistas marítimas, somam-se imagens registadas com telemóveis e com todo o tipo de câmaras e máquinas fotográficas amadoras, ou imagens recolhidas na internet (o plano dos gatos), que garantem a Godard um lugar de vanguarda ao nível da experimentação tecnológica. O filme é fascinante no modo como articula todas estas imagens e os sons que as acompanham, cuja diversidade se manifesta não apenas assim no modo como são captados, mas também como são apresentados. À semelhança da imagem, o som é extremamente construído e simultaneamente muito rugoso, assumindo todas as suas habituais imperfeições (as interferências dos ruídos do vento nos microfones, as distorções da música de discoteca). Por outro lado, há toda uma pluralidade de ecrãs permanentemente ligados que aparecem num mesmo espaço (computadores, televisores, telemóveis), que é igualmente assombrado por uma multiplicidade de máquinas fotográficas de todos os tipos. No barco, todos fotografam ou filmam, numa apreensão do mundo que reduz toda a experiência a imagem. Ao filmar a pista de dança da discoteca com um telemóvel, Godard revela assim como o que se mostra tem tudo a ganhar com o modo como se mostra.

Sucedendo a uma poderosa primeira parte, a segunda parte de **Film Socialisme**, “Quo Vadis Europa”, centra-se na Garage Martin e numa família em que assistimos à revolta das crianças. Sequência que evoca alguns filmes mais antigos de Godard, como **France tour détourné des enfants**, dada a importância do universo infantil, a pequena escala deste meio familiar e o modo como é filmado. Uma curta terceira parte, “Nos humanités”, encerra o círculo ao apresentar-nos uma reflexão mais “directa” sobre a Europa e o mundo contemporâneo através de uma visita a um conjunto de locais descritos como “lugares míticos”. Parte que nos permite o regresso ao dispositivo das “Histoire(s) du cinéma”, aqui retrabalhado. Mas a resposta a “Quo Vadis Europa?” parece estar na personagem que lê as *Illusions Perdues*, de Balzac. Numa entrevista de 2010 em que perguntavam a Godard, “Outra vez política?”, este respondia, “Sim, uma vez que as democracias modernas, ao considerarem a política um domínio de pensamento à parte, estão predispostas ao totalitarismo”. Como que premonitoriamente, parte de **Film Socialisme** foi rodado no “Costa Concórdia”, cruzeiro pouco tempo depois encalhado devido ao inusitado comportamento do seu comandante, que, entre muitas imputações, foi acusado de não ter sido o último a abandonar o barco. Mais uma vez a realidade suplanta a própria ficção. Ou, como refere uma frase inscrita num cartão do filme, *No Comments*,